

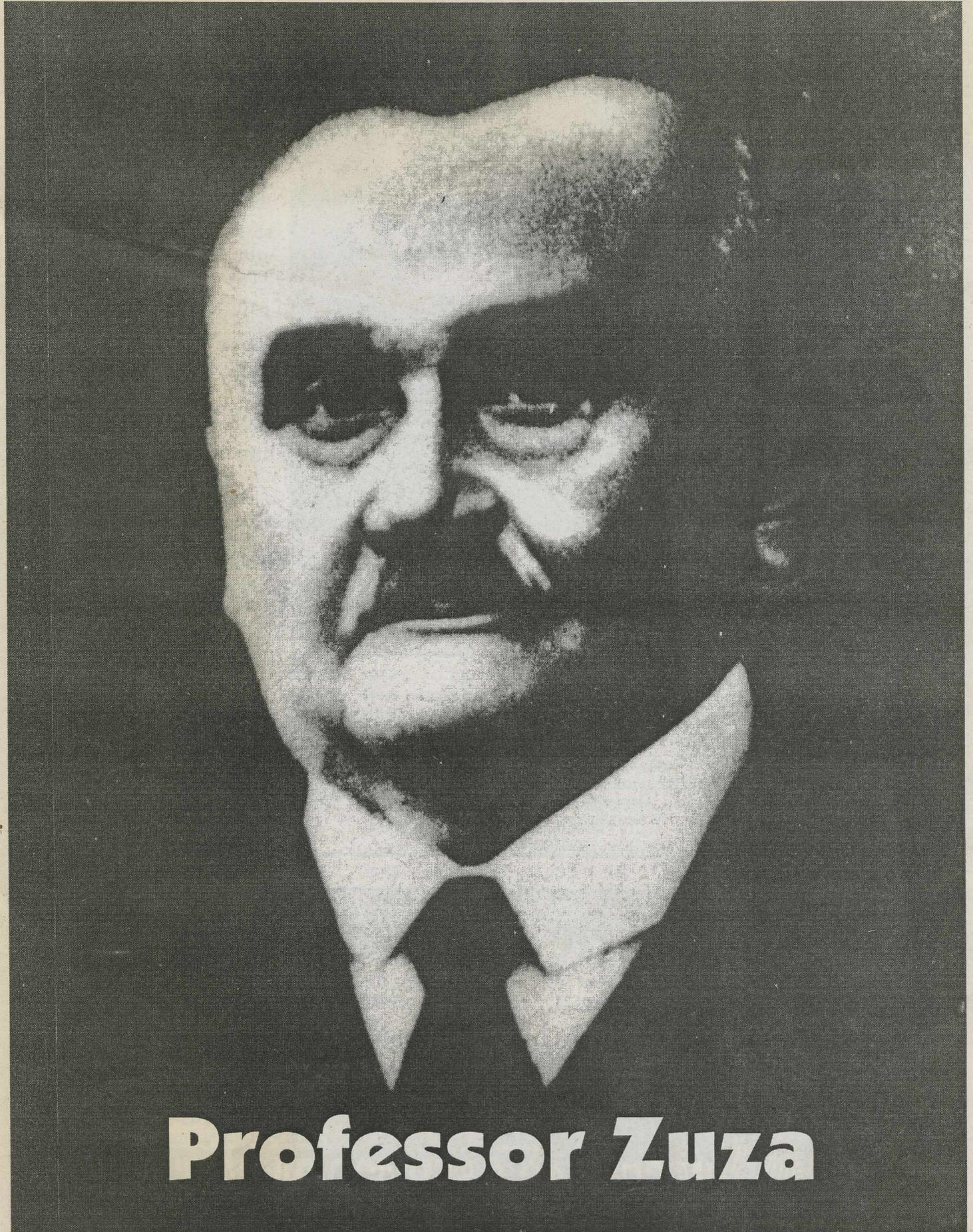
O Potiguar

Ano VI

Nº 35

Agosto / Setembro 2003

Distribuição Gratuita



Professor Zuza



CARTAS



ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CÂMARA MUNICIPAL DO NATAL
PALÁCIO PADRE MIGUELINHO

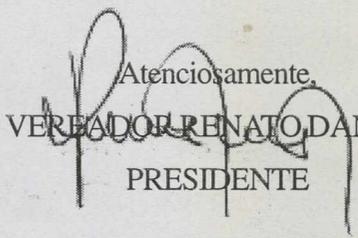
OFÍCIO Nº 1948/2003-SL

Natal, 9 de julho de 2003.

Senhor Diretor,

Cumpre-nos comunicar a V. S.^a que esta Câmara Municipal, em sessão plenária realizada no dia 23 de junho do corrente ano, aprovou **Requerimento nº 1247/03**, de autoria do **Vereador Jorge Araújo**, expressando **Moção de Solidariedade**, pelos relevantes serviços prestados a cultura de nosso Estado através do Jornal Cultural "O Potiguar".

Ilmo. Sr.
JOÃO GOTHARDO D. EMERENCIANO
Diretor do Jornal Cultural "O Potiguar"
N e s t a.

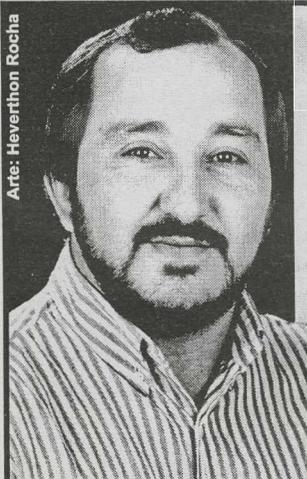
Atenciosamente,

VEREADOR RENATO DANTAS
PRESIDENTE

EXPEDIENTE

- | | |
|---------------------------------------------|--------------------------------------------------|
| - Diretor -
João Gothardo D. Emerenciano | - Programação Visual -
Ramos Cruz |
| - Editor -
Moura Neto | - Capa -
J. M. Vieira |
| - Revisão -
João Gothardo D. Emerenciano | - Gerente Comercial -
Carlos Frederico Câmara |
| Giuliano Emerenciano Ginani | - Impressão -
Gráfica Nordeste |

Avenida Prudente de Moraes, 625 - Tirol - Natal/RN - CEP 59.020-400

Os textos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores e não expressam necessariamente o ponto de vista dos editores do jornal.



Arte: Heverthon Rocha

Gabinete do Vereador Jorge Araújo

www.vozdazonanorte.com.br

jorgearaujo@vozdazonanorte.com.br

jorgearaujo@cmnat.rn.gov.br

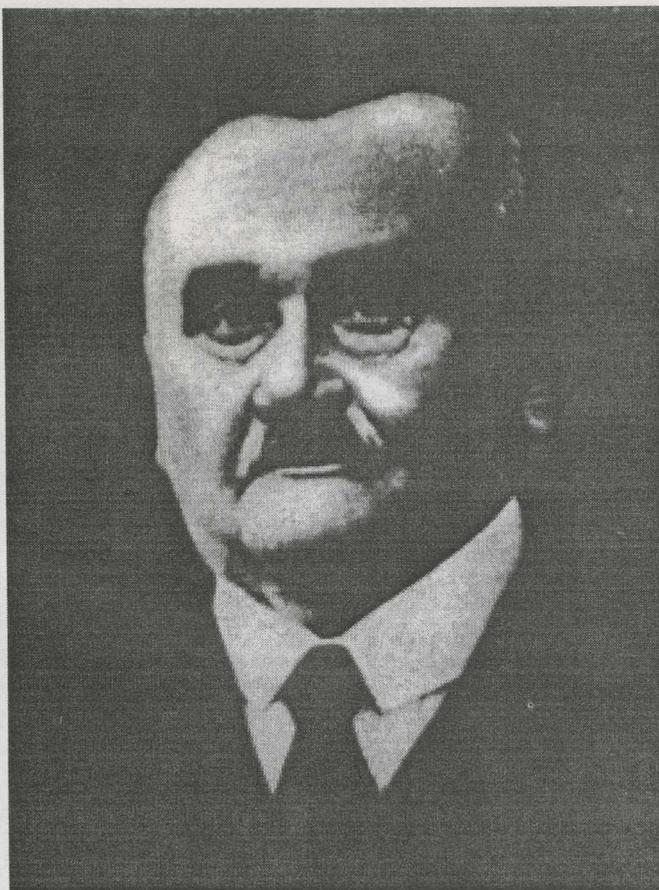
Telefone: 84 211-2972

UM CRISTÃO A SERVIÇO DA COMUNIDADE

Professor Zuza

Professor Zuza (José Ildefonso Emerenciano, 1845-1922), fora o João Tibúrcio do Ensino Primário em Natal. Filho e neto de professores, desasnou meninos durante 56 anos. Aposentado em 1908, transitou para o magistério municipal, dirigindo as escolas diurna e noturna da Intendência, que seria Prefeitura em 1926. Ensinou até vésperas de morrer. O pai, Professor José Gotardo Emerenciano, (1818-1896), ensinara desde 1842, aposentando-se trinta anos depois, mantendo cursos particulares enquanto viveu. Fora o primeiro latinista da Província, exprimindo-se facilmente nesse idioma. Em latim conversara com o Barão de Marajó. Residia num sítio de Bananeiras e meio canavial, onde está o Ginásio Salesiano. Aí, o Barão de Marajó encontrou com amplo chambre amarelo, lendo Horácio e cheirando rapé. Diziam que o velho Zé Gotardo roncava em latim.

O Professor Zuza, nas últimas décadas, já não usava a palmatória intimidante, mas funcionavam o cocorote e o beliscão, com a imensa unha do polegar, digna de mandarim chinês. Em 1941, deram seu nome a uma rua no bairro alto. Dezenove anos antes, o homenageado adormecera na paz do Senhor. O filho, Gotardo Neto, (1881-1911), fora o grande poeta da geração. Patrocina uma poltrona na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Em 1913, o Governo publicou "Folhas Mortas", reunindo seus versos. Tenho um exemplar autografado pelo Professor Zuza em 1919, ainda inconsolável. Procurava-o para ouvir lembranças da cidade antiga, 20.000 derramados habitantes, lampiões de querosene em 1883, apagados nas noites de luar. Na Subida da Ladeira (Av. Junqueira Aires), corria lobisomem no escurão da sexta para o sábado, que para o santo Vigário



João Maria era apenas safadagem.

O Professor possuía autoridade, porque exercia profissão independente, sem superiores mandões e perturbadores. Cada um manobrava o seu modo de ensinar, castigar, premiar. Participava da família do aluno. Era "ouvido e cheirado", consultado e atendido. Botava a benção aos discípulos que o saudavam, reverentes, nos fortuitos encontros. Podiam barbar e casar, mas o velho Mestre merecia obediência e acatamento. O respeito não se esgotava e prescrevia com a maioria do estudante. A autonomia didática impunha a consciência da responsabilidade e da compostura. Um Professor não podia dar o mau exemplo, useiro em copo, baralho, nome feio, sereneiro, rabo-de-saia. Desmoralização inconcebível. Fez uma viagem ao Açu, 35 léguas a cavalo, somente para aconselhar um colega desmedido. Valia como o Vigário da paróquia, no conceito das informações prestadas em juízo e fora dele. Ninguém podia duvidar de sua palavra conspícua. Tinha "fundamento". Essa idoneidade eminente

afastava um tanto os professores do exercício político no Império, temendo vulgarizar-se na famulagem do séqüito dos presidentes provinciais. Havia contra eles o recurso impiedoso das transferências, que apenas evitavam manifestações ostensivas de partidarismo, não comuns na mentalidade normal dos professores. João Tibúrcio e o Professor Zuza foram Liberais, e o primeiro chegara a Deputado Provincial no biênio 1878-1879 sob a égide luzia de Cansação de Sinimbu, mas sem evidências exaltadas. O flamejante Elias Souto (1848-1906), que fundara quatro jornais conservadores ainda professor na monarquia, sofreu transferência no regime republicano. Não se conformara, abandonando o magistério e passando a ser

exclusivamente jornalista, aliás o primeiro e único profissional e criador da imprensa diária no Rio Grande do Norte. João Tibúrcio fora republicano antes de 1889, mas o Professor Zuza não tivera interesse maior pelo assunto. Satisfazia-se com qualquer regime que fosse honesto e laborioso, cuidando atentamente da Instrução Pública. Não achava graça" em Política. A paixão sempre fora a Escola. O "Mestre" deveria estar fora das concorrências partidárias, guardando toda sua energia para a aplicação educacional. Educacional, porque, naquele tempo, o Professor ensinava "modos", maneiras, comportamento na sociedade. Assim falava o Professor Zuza, com a pitada do "meio grosso" entre o polegar e o médio, lenço escuro, chinelão de charlotte, olhando o Passado em câmera lenta. Era o mais antigo Mestre da Cidade.

Luís da Câmara Cascudo

Extraído do livro *Ontem (memórias)*, UFRN, Natal, 2ª edição, 1998

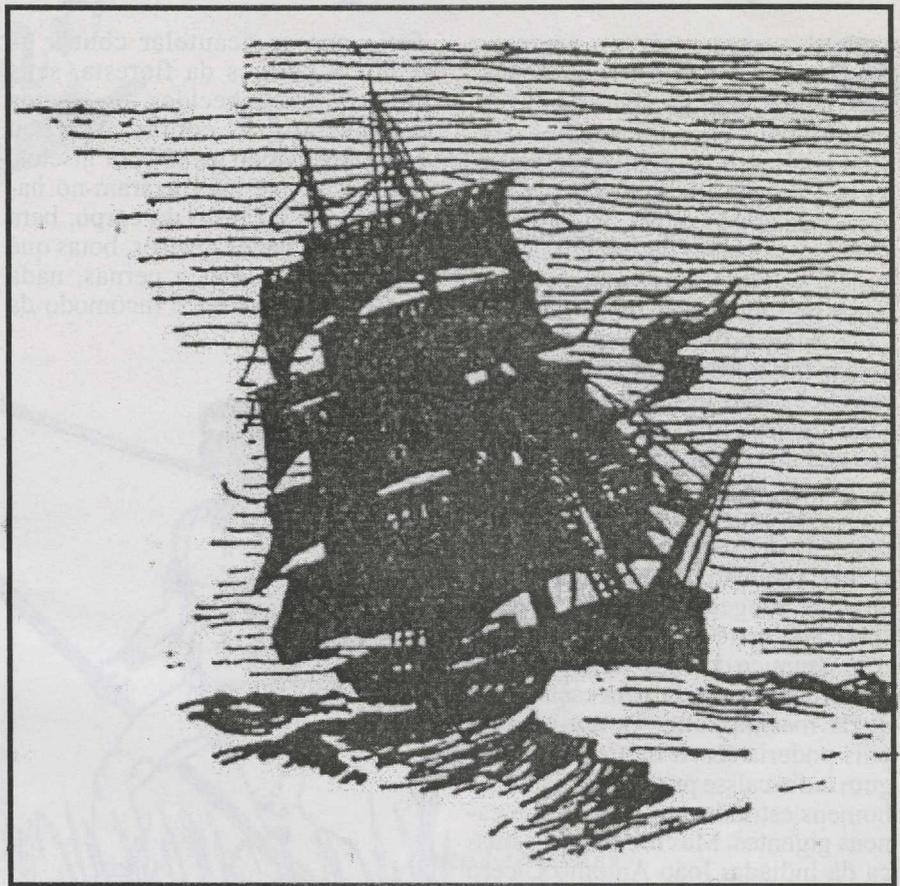
O naufrágio da barca “Emma Mathilde” (1866)

A barca alemã “Emma Mathilde”, de Lubeck, Alemanha, navegando sem lastro, procedia de Havana (Cuba) com destino a Macau (China). A bordo vinham 55 chineses e 1 espanhol. Quando se encontravam à altura dos baixos das Garças, do termo de Touros, neste Estado, às 7 horas da noite do dia 21 de junho de 1866, a embarcação naufragou. O Presidente da Província, Olinto José Meira foi informado do sinistro, pelo subdelegado do distrito da vila de Touros, através de ofício daquela mesma data.

O juiz municipal do Ceará-Mirim dirigiu-se ao local do naufrágio, tendo providenciado, no dia 2 de julho, o transporte dos naufragos para a Capital (Natal). Chegados os estrangeiros, foram eles acomodados no quartel das tropas de 1ª linha, onde tiveram o sustento necessário.

Olinto José Meira levou a notícia do fato ao Governo Imperial e ao Governo de Pernambuco, solicitando deste último, em 23 de julho de 1866, as necessárias providências para que aqueles estrangeiros fossem remetidos para aquela província¹.

O prático Felipe Francisco Pereira, em 1876, descrevia a povoação das Garças:



“... é pequena e de nenhuma importância; em frente dela, à distância de 600 metros, estão as pedras deste nome as quais permanecem sempre descobertas em todas as marés; todavia com as águas vivas a que fica

mais por terra algumas vezes está alagada. A mais de fora serve para evitar-se as coroas do rio do Fogo”².

Olavo de Medeiros Filho

1. RELATÓRIO APRESENTADO PELO PRESIDENTE DA PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO NORTE, DR. OLINTO MEIRA (1866). Rio Grande do Norte: Tipografia do Rio Grandense, 1867, pp. 24-26;
2. PEREIRA, Felipe Francisco. *Roteiro da Costa Norte do Brasil desde Maceió até o Pará*. Pernambuco: Tipografia do Jornal do Recife, 1876, p. 52;

71 ANOS UNINDO



TRADIÇÃO E MODERNIDADE.

Ao completar 71 anos, o Colégio Nossa Senhora das Neves, consolida-se como um grande referencial no ensino potiguar, com competência, dedicação e técnica. O NEVES demonstra que além de tradição agrega valores como dinamismo e modernidade.



COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS NEVES

A primeira perda portuguesa

O degredado, em seu sono pesado, sonhos de liberdade próxima, não se apercebeu, três horas depois, quando os índios dele acercaram-se e, com uma só flechada no coração, deram cabo de sua vida. Das embarcações, nada se via, a não ser o brilho da fogueira queimando na praia, denunciando a presença portuguesa em terras de Santa Cruz. Mais próximo, o medo a afugentar-lhe o sono, João Antônio Cícero Sebastião José Silva Fernandes a tudo assistiu imóvel, preso aos troncos que ali o manteriam seguro caso dormisse.

Os índios carregaram o cadáver do degredado duna acima, levando, também, o barco que ficara na praia, longe das águas, a salvo da subida da maré. A indiada, intrigada com o sumiço do outro visitante, recebeu ordens do chefe para caçá-lo naquela mesma noite. Queria-o vivo, pois poderia servir de troca caso algum índio caísse prisioneiro daqueles homens estranhos, montados em canoas gigantes. Mas foi em vão a busca da indiada. João Antônio Cícero Sebastião José Silva Fernandes havia se escondido onde os índios, pelo menos naquela noite, não poderiam percebê-lo. O desaparecimento intrigou o chefe indígena, que irritou-se ao desconforto de noite sem sono.

Aos primeiros raios de sol da manhã, o português se desamarrou da árvore e a desceu cauteloso, os ouvidos à espreita de qualquer ruído. Ele dormira em frondoso cajueiro, àquela época sem nenhum fruto, mas apreciou sua beleza e reparou em suas folhas grandes, cheirosas, um cheiro estranho que jamais experimentara. Ficaria por ali. Queria ter a certeza da partida da esquadra, dali a quatro dias, prazo combinado com o comandante Gaspar de Lemos.

Teria que se acautelar contra os índios e perigos da floresta, seus animais desconhecidos, os insetos peçonhentos, as cobras. Acordou com o rosto todo picado por insetos, muriçocas que infernizaram-no naquela noite. O resto do corpo, bem vestido em panos grossos, botas que lhe encobriam pés e pernas, nada padecera, a não ser o incômodo da



posição, coisa de menor importância diante de problemas maiores.

A indiada amanheceu na praia, no local onde ainda permanecia, presa por pedras, a esteira deixada com as oferendas. O corpo do degredado morto servira de alimentação àqueles índios canibais, fora churrascado naquela mesma noite, numa grande fogueira, e devorado em pouco tempo, por muitos dos guerreiros da tribo. Potiassu, o chefe, comera o primeiro pedaço, certo de que, assim fazendo, toda ciência daquele homem trans-

ferir-se-ia para si, como para todos que também o comessem.

Das embarcações fundeadas, os homens estranhavam o sumiço dos portugueses. A fogueira ainda queimava na beira-mar, mas sinal algum havia ali dos homens pernoitados. Nem do barco. Gaspar de Lemos julgou-os terem sido apreendidos pelos silvícolas, que já estavam às dezenas em derredor do marco, trazendo oferendas e a colocá-las na mesma esteira usada pelos enviados: frutos, animais abatidos, cocares, redes, ornamentos de penas coloridas, tacapes, arcos e flechas. O comandante estranhava aquela situação. Acreditava na captura dos seus homens pelos índios, mas julgava-os vivos. Esperaria os acontecimentos.

Aos poucos, os índios voltaram ao topo das dunas, até que nenhum mais foi visto na praia. Eram centenas. Um número bem maior do que o do dia anterior. A maioria sentada ou de cócoras, como se esperassem que os visitantes viessem buscar suas oferendas. Gaspar de Lemos, no entanto, precaveu-se. Nenhum passo seria dado até que algum sinal dos portugueses em terra surgisse. À sombra do cajueiro em que dormira, João Antônio Cícero Sebastião José Silva Fernandes cavou um buraco de um metro de profundidade, dois de extensão e meio metro de largura, e fez, em dimensões um pouco maior, um tampo de varas e folhas, onde ficaria entrincheirado, observando os movimentos da orla marítima.

Eduardo Alexandre

*Fragmento do livro
O Primeiro Brasileiro (Ficção) - inédito.*

SALESIANOS

COLÉGIO SALESIANO SÃO JOSÉ NATAL - RN

Largo Dom Bosco, 335 - Ribeira - Natal/RN - CEP 59012-530
Fone: (84) 211-4220 - Fax: (84) 222-35



Comunicação

O Velho lobo do mar,
Foi consultar o doutor
Querendo se aposentar
Da vida de pescador.

Sem ao menos me olhar,
Foi perguntando o doutor.
Diga sem me enganar,
Onde é a sua dor?

Se sentindo ininhado,
O honesto pescador,
Foi dizendo acabrunhado
O que sentia ao doutor.

Minha espinha não é mais afoita,
Sinto doer o osso do mucumbú
De tanto puxar a poita
Que levanto o toiaçú

Mas coitado do doutor,
Sem entender patavina,
Disse, volte e traga um tradutor,
Só estudei medicina.

Joanir Cesar da Costa

Lenda da Lagoa Seca

Lagoa Seca?
Porque foi que ela secou?...
Como os olhos de uma moça
Que pouco tempo chorou?...

Mas, não! A Lagoa Seca
Sempre teve água demais...
Doces águas lamentosas
Nas margens sempre choraram!
As más línguas dizem há muito
Que um dia ela secou
Porque negou água a um Santo
Tornando a água salobra
Que o Santo jamais provou!

E a areia a água bebeu!
Coitada da Lagoa Seca...
São histórias das más línguas
Isto nunca sucedeu!

Jorge Fernandes



A Lagoa Seca fotografada pelo escritor Mário de Andrade em 1928

**Faça REVISÃO CDF com
a melhor equipe de
Cursinho de Natal.**

Central de Atendimento - 211.6607

VAGAS LIMITADAS!



**Todas as
disciplinas!**



José Mauro, o indianista

Na memória da cultura enigmática e misteriosa – existe uma indagação a ser feita em Natal, assim como sobre todo Rio Grande do Norte que alcançou todo o século passado e continua espichando-se no atual.

A questão tem uma série de contornos em linhas curvas e retas, formadas pela incoerência, preconceito e contradições que manifestam a escassez de estudo, análise e desconhecimento acerca da condição histórica em que vivemos.

Aqui, em conseqüências deste raciocínio, surge o fantasma da indagação jamais feita, desde os anos iniciais da Segunda Guerra Mundial, quando um homem de 22 anos começou a sua projeção na cultura.

Porque o autor de 21 livros, José Mauro de Vasconcelos, após ter vivido toda a sua juventude em Natal, foi projetado no mundo inteiro, enquanto a população do Rio Grande do Norte desconhece a sua obra?

Figura retraída

No caráter social da genealogia norte-rio-grandense existe a figura do indígena que foi retraído pelo massacre da perseguição, abandono e da morte que durou mais de 3 séculos – até a sua extinção parcial ou total feita pelos colonizadores.

Os nativos do sertão perderam a sua identidade, desde o litoral do território, porque se recusaram em ceder as suas terras, matas, rios e todo o espaço físico aos invasores europeus, especialmente de Portugal.

Além disso, os seus hábitos, costumes, línguas e toda a sua cultura foram extintos, lentamente,

como se eles não existissem ou não tivessem o direito a menor perspectiva de vida futura para a pessoa e coletividade social.

Foi nesse clima de fuga da opressão e guerra que nascemos e vivemos, assim como José Mauro,



constituídos dos milhares de descendentes diretos e indiretos dos povos primitivos.

Esta herança ainda prevalece nas gerações atuais, principalmente as que saíram do sertão semi-árido, onde a luta pela vida foi e continua sendo mais resistente, dura e muitas vezes impossível por numerosos motivos, sobretudo os políticos.

Na biografia de José Mauro – o sangue e sofrimento indígenas estão presentes, bem como toda a cultura nativa: a sua mãe foi uma índia, companheira de um português, ambos do Rio de Janeiro, onde ele nasceu e, posteriormente, quando menino, foi transferido para Natal.

Nesta Capital – viveu o tempo de sua juventude, morando na casa do Dr. Ricardo Barreto, seu tio – sendo aluno do Colégio Marista, lendo os romances de Paulo Setúbal,

Graciliano Ramos e José Lins do Rego.

Nas águas do Potengi, em companhia do vizinho Luiz G. M. Bezerra, tomou banhos e praticou esporte de Natação, desde o cais Tavares de Lira até a Redinha, voltando ao fim da tarde, de bonde.

Nas mangueiras e goiabeiras situadas às margens do rio Potengi – José Mauro e seu amigo Luiz Bezerra costumavam pular de galho em galho, tirando e comendo as frutas, nos anos 30 e 40 do século 20, quando Natal era uma “fazenda maior do que a atual”.

O maior orgulho de José Mauro consistia em ter vivido à claridade do sol e sob as águas do rio, mar e das chuvas. Assim, ele manifestava a índole e o temperamento herdados da personalidade materna indígena, impregnada em toda a sua vida – definindo o caráter e espírito do homem.

Homem verdadeiro

Ômurarê – homem verdadeiro foi como os índios do Araguaia fizeram o batismo de José Mauro, mediante uma marca de fogo no seu braço esquerdo, a qual ele tinha prazer de mostrar a qualquer pessoa, como símbolo da confiança e amizade com os homens das selvas.

O fato revela o atestado impressionante dos indígenas com José Mauro, considerando que os nativos, pela sua própria natureza, perderam a tranquilidade com os “brancos” ou civilizados, em decorrência da violência destes com os selvícolas.

No subconsciente da história – Ômurarê conhecia todo o passado da sua infância, além do que verificou-se com as populações indígenas no Rio Grande, no decorrer de 3 séculos, quando os povos em

questão foram chacinados, juntamente com a sua cultura.

O sangue derramado pelos índios do Rio Grande, Paraíba, Ceará e Pernambuco foi sempre presente vivo e real no pensamento de José Mauro, como se ele estivesse assistindo e participando, na posição de vítima da carnificina.

Em consequência disso foi que ele passou 6 meses – comendo, dormindo, falando e aprendendo com os Carajá, banhando-se nos rios, passando fome e noites indormidas, a exemplo do que acontecia com os seus companheiros das matas sombreadas de folhas verdes / misteriosas.

O retrato do homem oprimido, perseguido e abandonado ficou patente nos textos dos livros de José Mauro, banhados de angústia, amor, solidão, arte e beleza extraídos de sua vida existencial consumida aos 64 anos.

Entre os numerosos testemunhos de solidariedade, respeito e coerência sobre os indígenas, o “doidão” chamado José Mauro estabeleceu profundas relações com os nativos do Araguaia – Mato Grosso, dando assistência aos doentes, como enfermeiro.

Os artesãos de Natal e municípios vizinhos tiveram bons resultados com as vendas de suas peças na Feira do Alecrim, quando José Mauro, anualmente enchia 2 a 3 sacos de bichos feitos de cerâmica para distribuição com as meninas e meninos – curumim, filhos dos índios espalhados no Araguaia.

Ômuraré, você, como homem verdadeiro, está descansando nos braços de Sisi, no meio dos curumim, iluminado de amor e paz com que a lua abraça as mulheres e homens da terra!

Ovelha negra

Com o seu corpo de atleta e aventureiro, o mestiço José Mauro parecia ser uma *ovelha negra* da Bíblia ou da coletividade potiguar, porque no seu perfil estava a figura do homem arredio, desconfiado, isolado que preferia o silêncio e

escuridão, em vez dos holofotes projetando a imagem da fama vazia.

No seu quarto da rua Piauí, 56 – Bangu, Rio de Janeiro, o homem do *Barro Blanco*, inspirado na vida dos salineiros de Macau/RN, dormia tranquilamente num colchão velho, sobre a cama quebrada, enquanto o seu motorista nunca deixou de reclamar por esse desprendimento relaxado.

Quais os motivos pelos quais esse homem moço e velho do mundo, com fibra indígena, reside à sombra do esquecimento da cultura literária de Natal e do Nordeste?

A resposta esperada está no meio cultural potiguar, sobretudo nas escolas, universidades e demais instituições do conhecimento humano, apesar de sua distância, talvez preconceitual, entre a condição indígena e a coletividade que se diz civilizada.

Por incrível que pareça ainda vivemos no tempo separatista feito pelo homem índio e *branco*, implantado pelos colonizadores e realizado no curso de 3 séculos, com a chacina dos nativos – os autóctones de constituição semelhante aos humanóides de hoje.

A prova maior deste quadro secular aconteceu, nesta cidade, de 2 a 10 de agosto do corrente, quan-

do houve a 1ª. Mostra de Cultura Popular na Educação, com mais de 90 atividades programadas, das quais, nem uma teve relação direta com os indígenas que fizeram, a partir do Rio Grande do Norte, “a maior guerra de resistência” aos governos do período colonial brasileiro.

Antes de fazer as guerras – os índios plantaram as sementes da paz nas terras do Brasil.

Portanto, mesmo depois da extinção – eles deixaram o espaço em que vivemos no êxodo de 300 anos – sempre caminhando em busca do infinito.

Livros publicados

No total de 21 títulos / livros publicados, José Mauro de Vasconcelos passou 40 anos de vida literária, durante a qual deixou obra inédita – *Homem sem Deuses e sem Gravata* – romance histórico da vida dos operários das fábricas Bangu, no Rio de Janeiro, onde ele trabalhou visando adquirir o conhecimento para escrever, assim como fez quanto as demais publicações de sua autoria.

Arlindo Freire

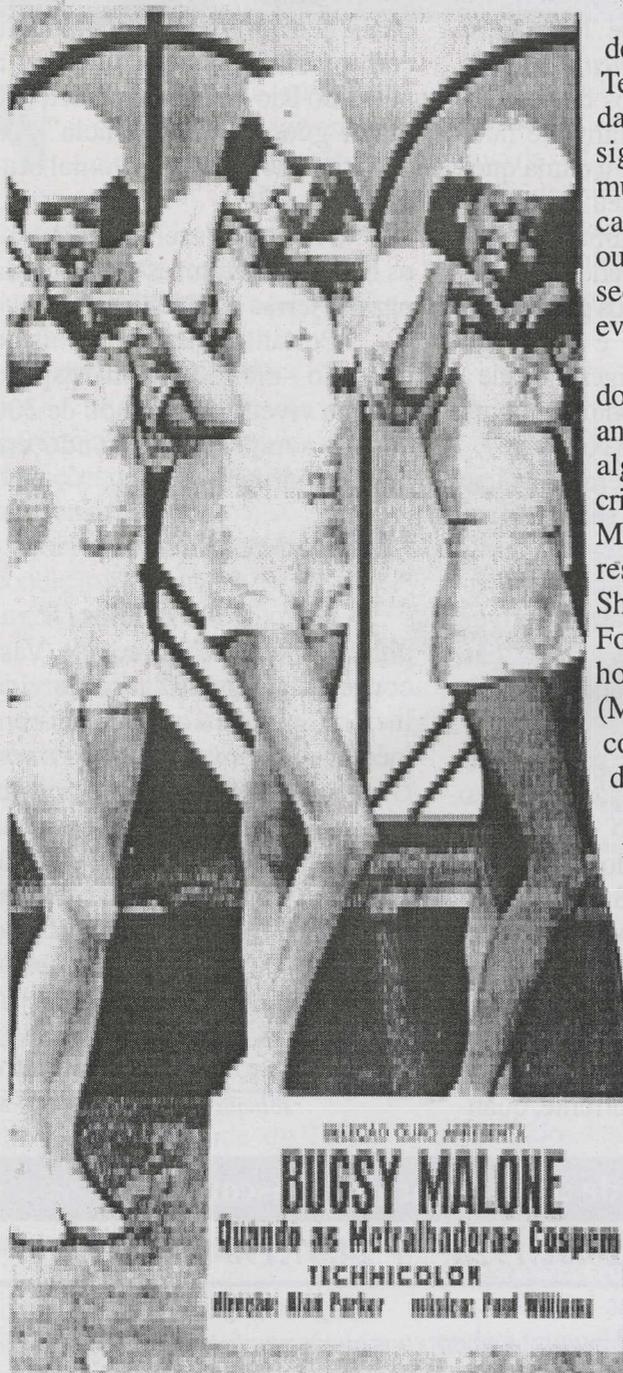
Jornalista e Sociólogo – UFRN.

Obras de José Mauro de Vasconcelos

*26.02.1920 + 24.07.1984

01. Banana Brava	1942
02. Barro Blanco	1945
03. Longe da Terra	1949
04. Vazante	1951
05. Arara Vermelha	1953
06. Arraia de Fogo	1955
07. Rosinha, Minha Canoa	1962
08. Doidão	1963
09. O Garanhão das Praias	1964
10. Coração de Vidro	1964
11. As Confissões do Frei Abóbora	1966
12. O Meu Pé de Laranja Lima	1968
13. Rua Descalça	1969
14. O Palácio Japonês	1969
15. Farinha Órfã	1970
16. Chuva Crioula	1972
17. O Veleiro de Cristal	1973
18. O Menino Invisível	1973
19. Vamos Aquecer o Sol	1974
20. A Ceia	1975
21. Kuryala – Capitão e Carajá	1979

Princesinhas, meus amores



Em artigo que publiquei nesse jornal, no exemplar datado de Agosto/Setembro de 2000 (“Quando Natal Viveu a Febre Temple”), eu recordei o uso que foi feito pelos Estados Unidos da imagem da atriz mirim Shirley Temple, nos anos 30, como signo de uma invasão adocicada aos corações das platéias mundiais. Na verdade, Shirley Temple era bonita; era boa atriz, cantora e bailarina. Na verdade, não somente ela, mas muitas outras meninas, em todos os países, participaram da magia e da sedução nas telas; e não somente nos anos 30, mas em toda a evolução da história cinematográfica.

Os espectadores (inclusive, natalenses) dos primeiros anos do cinema produzido em Hollywood devem ter visto os rostinhos angelicais das atrizes Liliam Gish e Mary Pickford, fixados em alguns filmes, já que elas freqüentavam os estúdios desde crianças, embora depois tenham se afirmado como atrizes adultas. Mas com a era Shirley Temple é que as companhias produtoras resolveram investir mais na contratação das mini-estrelas. Se Shirley ajudou a afirmar mundialmente a marca da 20th Century Fox (aquela que começava seus filmes mostrando as luzes dos holofotes se cruzando no alto do prédio-sede), logo a Metro (Metro Goldwyn Mayer – MGM), aquela que abria seus filmes com o leão rugindo, entrou em competição, formando no meio do pessoal uma equipe somente de atores e atrizes mirins.

Foi então que surgiu o seriado “Os Batutinhas”, onde meninos e meninas imitavam os gestos de atores e atrizes adultos em filmezinhos de poucos minutos de duração (está aí, nestes curtas dos anos 30 e 40 a matriz do musical “Quando as Metralhadoras Cospem”, feito nos anos 70 por Alan Parker, somente com crianças e pré-adolescentes de ambos os sexos). Foi então que surgiu um novo rostinho que iria predominar, saído da “chocadeira” da Metro: Margaret O’Brien, a sucessora de Shirley Temple, e que, com 5 anos apenas já estreou como protagonista principal em um filme com o seu nome, “Journey for Margaret”.

Depois, foi a multiplicação delas, princesinhas ou gatinhas, escolhidas a dedo para determinado filme, ou determinado filme elaborado exclusivamente para entrar alguma delas. E as rivais de Shirley Temple foram demonstrando seus talentos. Aos 9 anos, Nathalie Wood encantou os espectadores com a sua interpretação em



-UNBEC-

COLÉGIO MARISTA DE NATAL

100 Anos de tradição

Rua Apodi, 330 - Cidade Alta - Natal/RN - 59020-130

Fone: (84) 211-5005 - Fax: (84) 212-1216

<http://www.natal-marista.com.br>

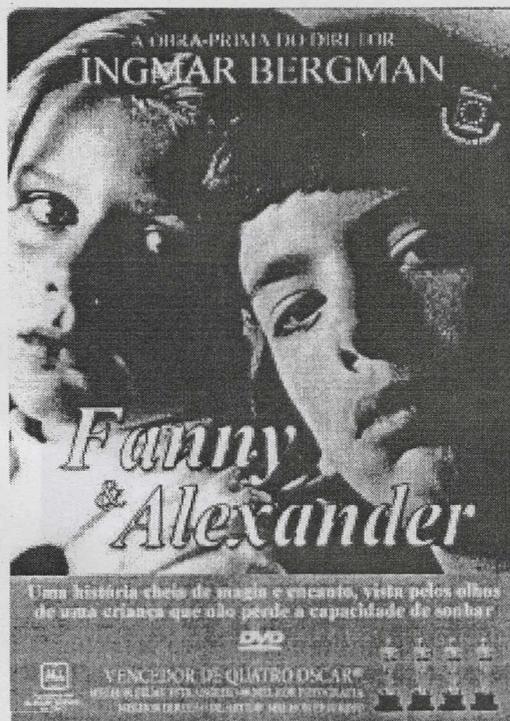
@natal-marista.com.br

“Milagre na Rua 34”; e Elizabeth Taylor, aos 10 anos já estreou, no filme “A Força do Coração”. Chegou os anos 70. Tatum O’Neal, pelo seu trabalho em “Lua de Papel”, ganhou em 1973 o Oscar de Melhor Atriz Coadjuvante. Tinha também 10 anos de idade. Mas todas elas foram superadas pela pequena francesa Victoire Thivisol, que com apenas 4 anos de idade ganhou em 1996 o prêmio de Melhor Atriz no Festival de Veneza, pela sua interpretação no filme “Ponette, À Espera de um Milagre”.

Queria-se uma garotinha lourinha para interpretar os problemas de solidão e desentendimento entre as crianças e os pais na complexidade psicológica da sociedade escandinava? Eis Line Kruse brilhando no filme “O Refúgio de Emma”, do dinamarquês Soeren Kragh-Jacobsen. Queria-se uma menininha negra para interpretar os problemas de racismo e violência sexual na sociedade norte-americana? Eis Desreta Jackson brilhando no filme “A Cor Púrpura”, do norte-americano Steven Spielberg. Queria-se uma menininha índia para ser a defensora dos animais e da selva dos trópicos? Eis Eunice Baía brilhando no filme “Tainá, Uma Aventura na Amazônia”, da brasileira Tânia Lamarca. Como precocidade sexual, teve-se, além do famoso filme “Menina Bonita”, de Louis Malle, em 1978, com Brooke Shields aos 12 anos interpretando uma prostituta mirim – outro, não tão direto quanto ao sexo (apenas sugere-

rido), que foi “Alice nas Cidades”, de Win Wenders, de 1973, com Yella Rottlandes interpretando a protagonista com apenas 9 aninhos.

De todos os filmes interpretados por meninas, eu vi os que escolho como os 10 melhores:



- 1) SEMPRE AOS DOMINGOS, de Serge Bourguignon, de 1962, com a mini-atriz Patrícia Gozzi, e que vi no Rex a 18 de Julho de 1967.
- 2) PONETTE, À ESPERA DE UM MILAGRE, de Jacques Doillon, de 1996, com a mini-atriz Victoire Thivisol, e que vi alugando fita de vídeo.
- 3) MENINA BONITA, de Louis Malle, de 1978, com a mini-atriz Brooke Shields, e que vi quando passou certa vez na televisão (na Globo, via TV Cabugi).

4) BRINQUEDO PROIBIDO, de René Clément, de 1951, com a mini-atriz Brigitte Fossey, e que vi em sessão patrocinada pelo Cine Clube Tirol, na sala de exposições de filmes, no SESC da Cidade Alta, a 12 de Setembro de 1971.

5) MEU PRIMEIRO AMOR, de Howard Zieff, de 1991, com a mini-atriz Anna Chlumsky, e que vi no cinema Nordeste a 16 de Janeiro de 1993.

6) BELÍSSIMA, de Luchino Visconti, de 1951, com a mini-atriz Tina Apicella, e que vi numa sessão do Cinema de Arte do Sindicato dos Bancários, no Cine Rio Grande a 02 de Agosto de 1981.

7) O REFÚGIO DE EMMA, de Soeren Kragh-Jacobsen, de 1988, com a mini-atriz Line Kruse, e que vi alugando fita de vídeo.

8) ENTREVISTA COM O VAMPIRO, de Neil Jordan, de 1994, com a mini-atriz Kirsten Dunst, e que vi no Cine Natal 1 a 08 de Janeiro de 1995.

9) CRIA CUERVOS, de Carlos Saura, de 1975, com a mini-atriz Ana Torrent, e que vi numa sessão do Cinema de Arte do Sindicato dos Bancários, no Cine Rio Grande a 28 de Junho de 1981.

10) FANNY E ALEXANDRE, de Ingmar Bergman, de 1982, com a mini-atriz Pernilla Allwin, e que vi alugando fita de vídeo.

Anchieta Fernandes

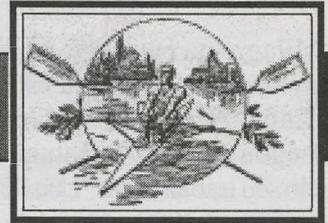
A Cultura é um sólido alicerce para o desenvolvimento de um povo

Líder do PPS
Presidente do PPS



Vereador
Emilson Medeiros

DESSPORTISTAS INOLVIDÁVEIS



Carlos José da Silva

Carlos José da Silva, foi uma das mais salientes figuras do esporte potiguar, particularmente do esporte amador. Seu dinamismo, sua organização impar e sua capacidade de dirigir, tornaram aquele cidadão simples, irreverente, de fácil relacionamento, respeitado e admirado por todos em nossa comunidade.

A AABB, a Federação de Basquetebol, a Federação de Futebol, o América e os esportes amadores do Rio Grande do Norte, ficaram muito a dever àquele parai-bano irrequiesto que aqui chegou na década/40, primeiro para servir na empresa de um tio, e logo depois ao Banco do Brasil, onde tornou-se um líder, um amigo incomparável e funcionário de alta capacitação.

Nos desportos, Carlos Silva jamais será esquecido, a princípio na AABB, seu primeiro Presidente (1945), onde foi, com outros, o idealizador e fundador de sua sede própria, ainda hoje uma das melhores da cidade. Deu ênfase ali aos esportes amadores, com destaque para o basquetebol, levando aquele esporte a um lugar de destaque em todo o país, contando mais uma vez com uma equipe seleta, à frente o seu particular amigo – José Augusto.

O seu trabalho sério, guindou-o à Presidência da Federação Norte-Riograndense de Basquetebol (1948), fazendo com que a entidade viesse a ser considerada uma das mais bem organizadas e respeitadas do país, obtendo suas seleções

colocações excepcionais em campeonatos brasileiros.

Também no América Futebol Clube, foi um dos dirigentes mais distinguidos em várias administrações, principalmente no período



conturbado da vida do clube, quando Carlos Silva e mais dois outros sócios foram eleitos para dirigir os destinos do clube, compondo uma Junta Governativa que, em breve espaço de tempo (15/10/1964 a 03/01/1965) conseguiu trazer o América aos seus melhores dias. Por muitos anos, Carlos Silva foi Diretor e membro do Conselho Deliberativo.

Na Federação Norte-Riograndense de Futebol, Carlos José da Silva, o Cabeção, como era mais conhecido, carinhosamente, nos meios esportivos e amigos mais íntimos, teve uma atuação fulgurante em várias administrações da entidade maior do futebol potiguar – Carlos Bezerra de Miranda, Maurílio Augusto, José Batista Emerenciano e Humberto Nesi. Foi ainda membro do seu Conselho Supremo e de vários Tribunais de Justiça Desportiva.

Carlos, foi também chamado para dirigir entidades potiguares quando em crises, como foi o caso da Legião Brasileira de Assistência/RN, COSERN e TELERN, com trabalhos eficientes e louváveis.

Católico praticante, pai, avô e esposo amantíssimo, homem bom e sincero tendo ainda papel saliente em várias atividades na comunidade potiguar, graças também ao apoio constante e irrestrito que recebeu de Antonieta, sua amada esposa, em todos os momentos de sua vida.

Carlos José da Silva, nasceu em Itabaiana (PB), porém adotou o Rio Grande do Norte, a pátria do seu espírito, vindo a falecer em nossa capital, a 28/12/1999, onde teve o seu trabalho em vida reconhecido pela Câmara Municipal de Natal, com o título de Cidadão Natalense, quando por todos será lembrado eternamente.

Luiz G. M. Bezerra

É verdade que tem arte no Bellanatal?



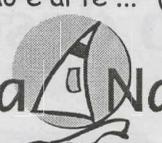
Claro! E rodízio de PIZZAS por apenas R\$ 6,90. Aproveite!



Tô nessa! Já sou cliente da marmitta e do self-Service ...



"Você tem fome de que? A gente não quer só comida, A gente quer comida, diversão e arte ..." (Titãs)



Bella Natal
Restaurante

217-4704
Disk-Entrega

Visite nosso site www.bellanatal.com.br e fique por dentro das novidades. Shopping Cidade Jardim

Danças e folguedos

Achados arqueológicos comprovam que essas danças já existiam até mesmo na pré-história, tendo como exemplo as danças de fita em redor de árvores que se renovava durante a primavera, como símbolo de fertilidade ou de ressurreição.

Na antiguidade, aparecem integrando os ritos de cerimônia religiosos; posteriormente manifestam-se como fontes de alegria e prazer durante as comemorações públicas, exprimindo suas formas e expressões fúnebres e guerreiras. Já expressava o fazer cultural, na prática da sobrevivência humana, celebrando-se, o plantio, a colheita, as núpcias e adolescência.

Na idade média o poder feudal interferiu nesse processo espontâneo e natural, sendo vedada a interação sócio-cultural na área de danças. Os que trabalham a terra, colhiam os frutos, pastoreavam o gado, esses enquadravam-se as danças campestres: os burgueses condutores dos burgos dançavam nas cortes, nos castelos e salões palacianos destacando-se pela elegância.

Nas noites de magia e feitiçaria, dominava o segredo das coisas sobrenaturais, com a dança ritualizando o seu próprio mistério.

A igreja durante muito tempo foi palco dessas cenas teatrais usando a dramatização com dança e jograis para divulgação de sua doutrina.

Conforme estudos da época, o ponto áureo envolve a procissão de Corpus Christi, com o aparecimento de signos e símbolos numa abrangência entre o real e o abstrato, o sagrado e o profano, o comum e o fantástico, onde o homem aparece com virtudes e fraquezas diante de Deus.

Ai então dançavam todos: oficiais de ofícios, mecânicos, arquitetos, nobres, aldeões, tendo como representação, o sol, a lua, as estrelas, numa homenagem à primavera, jurando justiça e verdade diante de Deus.

Todo esses elementos de representação coreográfica, integrados ou modificados, ligados ou não aos princípios básicos através dos anos, constituem-se pela relação inconsciente e aceitação coletiva,

Pero Vaz de Caminha, em carta a El-Rei de Portugal, já informava que os nossos índios dispunham de uma tradição coreográfica, dançando e folgando de chefes guerreiros.

Com a vinda de negros, de várias regiões africanas sobressaem as danças, de caráter religioso, as crenças fetichistas, seus rituais com regras e tabus.

As três raças, negro, branco, índio e outros chegados, são responsáveis pelo capital cultural com suas



II FIART - RN - FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO - CEPEJUL
CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISAS JUVENIL LAMARTINE

Bambelô de São Gonçalo do Amarante

marcados pela tradição, a riqueza cultural de cada país. No Brasil, desde o início de nossa colonização recebemos vários modelos de danças quase todas de intenção religiosa. Mas é preciso registrar que os indígenas (gente da terra), também exibiam suas habilidades coreográficas, comemorando seus feitos heróicos.

adaptações contínuas e recíprocas formando a sólida cultura brasileira, com nossas danças folclóricas, acrescidos dos modelos dos salões aristocráticos europeus.

Severino Vicente



**PT HUGO
MANSO**

esse mandato é nosso

**VENERÁVEL IRMANDADE DO
SENHOR BOM JESUS DOS PASSOS**

NATAL - RN



A sede edificada no entorno da praça Padre João Maria, com seus 74 anos de construída e seus 178 de existência social, sente-se contemplada com a devoção dos natalenses ao apóstolo da caridade.

FUNDAÇÃO: 25 DE DEZEMBRO DE 1825

**ADMINISTRAÇÃO
PROVEDOR - MÁRIO BERNARDO DE SOUZA**

O Bispo de Gangorra

Transcorria o ano de 1916 quando a família do senhor Pedro Salustino dos Santos fixou-se no distrito de Gangorra em S. José de Mipibu. Rapidamente esta região tornou-se famosa por conta de um de seus membros – Ângelo Salustino dos Santos, o mais jovem membro da recém chegada família, solteiro, nascido em 1897, franzino, pálido porém simpático.

No decorrer de 3 anos o menino magro e doce tornou-se poderoso, influente, orientador de fortes e decididos varões trabalhadores. Era um domínio absoluto.

Para o povo da região Ângelo Salustino era um “Santo”, um homem de Deus, um iluminado, um guia para a salvação. Pregava como Antônio Conselheiro e gostava das fiéis devotas como o beato José Lourenço. Rezava terços e rosários ao ar livre e principalmente nas tardes noites enluradas, onde sempre fazia sermão, tirando rezas assombrosas, fazendo curas milagrosas, arrematando assim, pessoas de todas as regiões.

Tornou-se conhecido na imprensa de Natal, deu o que falar e o que fazer a polícia, inquietou o próprio bispo diocesano, que por sua vez teve de se deslocar por várias matrizes e capelas com o objetivo de condenar as práticas e superstições impostas aos povos das localidades vizinhas. No entanto, a sua fama espalhou-se desde Natal até a fronteira com a Paraíba.

Ângelo recolhia-se em oração – dava início aos seus sermões, falando “arreatado” como tocado por Deus, fazia profecias revivendo o prestígio dos antigos oráculos.

Paulatinamente o nome de Ângelo foi sendo levado aos lugares mais diversos como um novo “MESSIAS”.

O pai e o tio de Ângelo, anunciavam o “Enviado de Deus”



por toda a redondeza. Os lavradores e pequenos reideiros de Gangorra sustentavam Ângelo e sua corte. O trabalho alheio garantia a liberdade do pregador, do missionário “Santo”.

Ângelo declarou-se finalmente bispo. A população logo acatou e o tratava reverentemente, Ângelo Bispo. A sede do bispado era a povoação de Gangorra, o novo

bispo requisitou várias donzelas entre o rebanho dos crentes e constituiu-as auxiliares devotadas do culto.

A polícia infelizmente não respeitou a liberdade religiosa de Ângelo Bispo e entendeu de perturbar a expansão divulgadora de uma missão superior.

Uma diligência foi feita e Ângelo Bispo preso e levado para São José de Mipibu. O pai e o tio tentaram à força, com a ajuda de seguidores, arrebatá-lo “Santo” das mãos desrespeitosas do delegado local. Prenderam os dois principais auxiliares também e os três foram enviados para a capital e apresentado ao Dr. Odilon Garcia Filho, delegado da 1ª Região, no dia 24 de janeiro.

O Dr. Odilon depois de ouvir Ângelo Salustino decidiu que o rapaz não era “bispo” nem “messias” e muito menos santo e missionário. Era apenas um maluco. Mandou levá-lo ao Dr. Varela Santiago no então isolamento da piedade, depois Hospital de Alienados. (e hoje Casa de Saúde Natal).

O Dr. Varela Santiago encontrou realmente um débil mental. No dia 3 de fevereiro Ângelo ex-bispo, deixou o tratamento e retornou à povoação de Gangorra, onde a sua família, envergonhada e com medo, ajuntou rapidamente os bens adquiridos junto aos fiéis e sem deixar rastro desapareceu. (Há exatamente 84 anos).

Claudionor Barroso Barbalho

Supermercado Seridó
Aqui o preço é melhor

Av. Abel Cabral, 1280 - Nova Parnamirim - Fone: 208-8131
Email: ms_barros@upl.com.br

A Ki - Tanda

A SUA CASA DE FRUTAS E CARNES

Av. Antônio Basílio, 2703 - Lagoa Nova - Natal/RN
Telefrutas / Telefax: (84) 206-5612

Os sapos



Eu sempre tive pelos sapos uma grande simpatia. É para mim, relógio do bom inverno. Lá no Sítio, quando a internada chega mesmo – quando chove à noite, logo que passa o aguaceiro, é comum entrar pela porta da frente o meu amigo sapo, sem ao menos pedir licença, para trazer a boa nova.

No São João, a fogueira ateadada em fogo e o grito da meninada da roça em algazarra, presenteando um sapo incauto com brasas tiradas da fogueira. Ele as come feliz, talvez para esquentar o seu estômago de sapo no frio de junho, ou quem sabe, confundindo a brasa com algum vagalume andejo.

Certa vez, ouvi uma

conversa na cocheira sobre os sapos, que o peso dos anos não vai conseguir apagar as impressões dela gravadas em mim. Dizia o meu vaqueiro Zuca ao Louro:

- Triste do fazendeiro que possui gado, possui curral, ou seja lá o que for, e o sapo se apresenta no pé da cocheira. Se o sapo mirar no ubre de uma vaca – só basta ele espiar, não bate nem a pestana, que o ubre dela adocece. Imagine aí como são maus os olhos dele. Você pode confiar no que eu digo. Só não nasci dentro do curral, mas meu pai nasceu, contava esta estória e é verdade. Se o sapo pegar no peito de uma vaca que teve bezerro – só basta ticar,

aleija, apodrece e a vaca só presta pro machado.

Olhe Louro, eu não quero um sapo dentro do curral. É melhor se for uma serpente, porque a cobra, livrando da rês bater nela, ela não morde. O sapo – aquilo é um troço amaldiçoado – só basta olhar.

Quando você vir uma vaca de ubre doente é o sapo. Vaca minha, adoeceu o ubre, aleijou, incricriou, pedrou – num sabe quem foi? Foi o sapo, não tem jeito não.

Uma dúvida persistiu em mim.

Newton Lins Bahia

Sebo Amorim

Rua Ulisses Caldas, 94 - Centro - Natal/RN
Fone: (84) 221-3717 / 9973-9423

MAIS ANTIGO SEBO DE NATAL EM FUNCIONAMENTO
Cata livros
DESDE 1970

Compra, venda e troca de livros, discos,
Cd's, fitas de vídeos e k7 usados.

Matriz: Rua da Conceição, 617 - Centro - Natal/RN
Filiais: Rua da Conceição, 613 - Centro - Natal/RN
Av. Xavier da Silveira, 67-A - Morro Branco
Fone: (84) 9461-5470 - Natal/RN



Fortaleza dos Reis Magos e praia de Ponta Negra na década de 40 do século passado



O Governo do Estado do Rio Grande do Norte e a Fundação José Augusto estarão inaugurando na Segunda quinzena de setembro a Casa de Cultura Popular na Cidade de Martins, situada no Palácio José Câmara. Na ocasião das comemorações da Semana da Cultura. A Casa oferecerá Cinema, Teatro, Pinacoteca, Biblioteca, Oficinas de Artes: Plásticas, Cênicas e Música.